

# A Causalidade Estrutural em Althusser

Vittorio Morfino\*

## **Resumo:**

Althusser afirma que “a imensa revolução teórica de Marx” é o conceito de causalidade estrutural. Apesar de Marx tê-lo apenas esboçado por meio de uma série de termos como *Verbindung*, *Gliederung* ou *Darstellung*, este conceito ocupa, segundo Althusser, o cerne de *Le Capital*. O objetivo deste artigo é mostrar que a interpretação althusseriana de Marx está fundamentada em uma concepção de causalidade cuja estrutura filosófica depende de três diferentes teses: a constitutividade de relações, a contingência das relações e a temporalidade plural.

**Palavras-chave:** Causalidade; temporalidade; relação; contingência.

## The structural causality in Althusser

### **Abstract:**

Althusser claims that “Marx’s immense theoretical revolution” involves the concept of structural causality. Although Marx outlined it only briefly through a series of terms such as *Verbindung*, *Gliederung*, and *Darstellung*, this concept lies for Althusser at the core of *Reading Capital*. The aim of this paper is to show that Althusser’s interpretation of Marx is grounded in a conception of causality whose philosophical structure depends on three different theses: the constitutivity of relations, the contingency of relations, and plural temporality.

**Keywords:** Causality; temporality; relation; contingency.

### A definição do conceito de causalidade estrutural

Se há um lugar em que Althusser tentou formular uma teoria da causalidade, este é sem dúvida “O objeto de *O Capital*”, para onde confluem as reflexões sobre a dialética de “Contradição e sobredeterminação” e “Sobre a dialética materialista”<sup>1</sup>. A questão central do texto é a novidade introduzida por Marx em *O Capital* no que diz respeito ao discurso da economia política: se a economia política pensa

---

\* Doutor em Ciência Política pela Universidade de Paris VIII. Professor da Università degli Studi di Milano-Bicocca, Itália. End. Eletrônico: vittorio.morfino@unimib.it

Tradução de Camila Góes. Revisão técnica de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida.

<sup>1</sup> O primeiro texto pertence à obra coletiva *Lire Le Capital*; o segundo e o terceiro saíram em *Pour Marx*, coletânea de textos apenas de Althusser. Ambos os livros foram publicados originalmente em 1965. Neste artigo, Althusser (1996a; 1996b), respectivamente.

os fenômenos econômicos em um espaço plano, homogêneo, no qual reina um modelo de causalidade linear e transitiva, a teoria de Marx os pensa “em uma região determinada por uma estrutura regional e também inscrita em um lugar definido de uma estrutura global.” (Althusser, 1996a: 396). Trata-se, na metáfora espacial, de pensar o espaço complexo e profundo do econômico inscrito no espaço complexo e profundo da história: é necessário, portanto, para pensar os fenômenos econômicos, construir o conceito da estrutura que os produz, ou seja, a unidade de forças produtivas/relações de produção que, todavia, não pode ser definida no exterior da estrutura global do modo de produção. Isto significa que os fenômenos econômicos não são dados nem tampouco é possível aplicá-los um modelo de causalidade linear: “para constituir o discurso rigoroso da teoria da História e da teoria da economia política”, é necessária uma revolução filosófica, a produção de um novo conceito de causalidade. Althusser formula o problema:

por meio de qual conceito, ou conjunto de conceitos podem-se pensar a determinação dos elementos de uma estrutura e as relações estruturais existentes entre esses elementos, e todos os efeitos dessas relações, pela eficácia desta estrutura? E a fortiori, por meio de qual conceito ou de qual conjunto de conceitos se pode pensar a determinação de uma estrutura subordinada por uma estrutura dominante? Em outros termos, como definir o conceito de uma causalidade estrutural? (id.: 401)<sup>2</sup>.

Problema que, todavia, Marx não formulou enquanto tal, não produziu o conceito de eficácia de uma estrutura sobre seus elementos, “mas se empenhou em resolvê-lo praticamente, sem dispor de seu conceito, com uma extraordinária engenhosidade, mas totalmente impossibilitado de evitar recair em esquemas anteriores, necessariamente inadequados à formulação e à solução deste problema” (id.: 403). Estes esquemas inadequados são os dois sistemas de conceitos que a filosofia moderna havia produzido para pensar a causalidade: o modelo mecanicista e o modelo expressivo. Se o primeiro só podia pensar a eficácia de um todo sobre seus elementos “às custas de extraordinárias distorções” (id.: 402), o segundo foi concebido exatamente com esta finalidade, mas supondo que a natureza do todo seria espiritual. É verdade que, na filosofia moderna, um autor formularia este problema tentando “esboçar uma primeira solução” (id.: 403): Spinoza. Mas “a História (...) o tinha sepultado nas trevas da noite” (id.: ib.).

Althusser isola alguns termos marxianos que indicam a tentativa de pensar

---

<sup>2</sup> Nesta e nas demais citações, quando não existe atribuição de autoria, os grifos são do próprio Althusser.

uma causalidade estrutural: *Beleuchtung*, na *Introdução de 1857*; sobretudo, *Darstellung*, em *O Capital*; e também as metáforas por meio das quais pensa o sistema capitalista: *Triebwerk*, *Mechanismus*, *Getriebe*, metabolismo social, *Verbindung* e *Gliederung*.

Voltaremos a este assunto. Por ora, observemos como Althusser caracteriza, em seus próprios termos, para além de Marx, o conceito de eficácia de uma estrutura: o conceito de sobredeterminação, que o próprio Althusser declara emprestado da psicanálise; o de causalidade metonímica, cunhado por Jacques-Alain Miller; o conceito de causa imanente, em sentido spinoziano; e, enfim, o conceito de teatro sem autor.

Quanto ao conceito de sobredeterminação, Althusser havia insistido, em dois artigos, publicados depois em *Pour Marx*, cujo o tema é a especificidade da contradição marxista em relação à hegeliana: o que o conceito indica é precisamente o tipo de determinação específica implicado na estrutura com dominante de um todo complexo. Neste sentido, o conceito de causalidade metonímica parece indicar precisamente a lógica exposta, em “Sobre a dialética materialista”, de *condensação* e *deslocamento* da contradição principal e das secundárias e do aspecto principal e do secundário da contradição. A este respeito,

não devemos ficar presos às aparências de uma sucessão arbitrária de dominações: pois [...] a nodalidade do desenvolvimento (estádios específicos) e a nodalidade específica da estrutura de cada estágio são a existência e a realidade do processo complexo (Althusser, 1996b: 217).

Por esta razão, “a ausência da causa [...] da estrutura sobre seus efeitos não é o resultado da exterioridade da estrutura em relação aos fenômenos econômicos; é, ao contrário, a própria forma da interioridade da estrutura, como estrutura, nos seus efeitos” (Althusser, 1996a: 405). Isto implica que os efeitos não são um objeto, um elemento ou um espaço “sobre os quais a estrutura viria *imprimir sua marca*” (Id., ib.). E aqui vem a calhar o conceito spinoziano de causalidade imanente: a existência da estrutura consiste em seus efeitos, ou seja, esta “não passa de uma combinação específica de seus próprios efeitos”, não é nada “além de seus efeitos” (id.: ib.). Enfim o conceito de teatro sem autor indica “o modo de existência desta encenação, deste teatro que é, ao mesmo tempo, sua própria cena, seu próprio texto, seus próprios atores, este teatro cujos expectadores só podem sê-los, ocasionalmente, porque são, em primeiro lugar, os atores forçados, sujeitos às imposições de um texto e de papéis dos quais não podem ser os autores” (id.: 411).

O que indica Althusser com essas referências? Em primeiro lugar, pretende esclarecer alguns equívocos que o próprio Marx gerou por entender a estrutura como uma interioridade essencial contraposta a uma exterioridade fenomênica

e, conseqüentemente, o caminho do conhecimento como uma passagem de um abstrato essencial a um concreto existencial (a passagem do Livro I ao Livro III de *O Capital*). Na realidade, do livro I ao III não se escapa da abstração, do conceito; passa-se do conceito de estrutura e de seus efeitos mais gerais aos conceitos de seus efeitos particulares.

Ora, os dois modelos de causalidade fornecidos pela filosofia moderna, o transitivo e o expressivo, terminam, segundo Althusser, por reintroduzir a dupla conceitual essência/fenômeno:

O equívoco desses conceitos é evidente: a *essência* remete ao fenômeno, mas, ao mesmo tempo, em surdina, ao *inessencial*. O fenômeno remete à essência, da qual ele pode ser a manifestação [...], mas ele remete, ao mesmo tempo e em surdina, àquilo que aparece como um sujeito empírico, à percepção (id.: 407).

Desse modo, acaba-se por acumular no próprio real estas determinações equívocas e localizar no real uma distinção entre uma interioridade essencial e uma exterioridade fenomênica, e, assim, por definir o real “*como uma realidade com dois níveis*” (id.: 409).

### **A causalidade n’ *O Capital***

Retornemos à leitura de Marx. Nele Althusser identifica certo número de termos que não configuram a presença do conceito, mas, pelo menos, o sintoma de sua pesquisa: *Verbindung*, *Gliederung*, *Darstellung*.

Althusser traduz sistematicamente *Verbindung* pelo termo francês *combinaison* (combinação – NT), a partir do livro II d’*O Capital*, primeira seção, capítulo 1:

Sejam quais forem as formas sociais da produção, trabalhadores e meios de produção continuam sempre seus fatores. Mas uns e outros só o são em estado virtual, enquanto permanecem separados. Para que haja uma produção qualquer, é necessária sua combinação. É a maneira especial (*die besondere Art und Weise*) de efetuar esta combinação que distingue as diferentes épocas econômicas pelas quais passa a estrutura social (*Gesellschaftsstruktur*)<sup>3</sup>.

Althusser, no entanto, faz um uso bem mais amplo do termo. Em “De *O Capital* à filosofia de Marx”, para, em primeiro lugar, dar conta do pensamento como um determinado modo de produção de conhecimento, constituído por “uma estrutura que combina (“*Verbindung*”) o tipo de objeto (matéria-prima)

---

<sup>3</sup> Citado em Althusser (1996a: 386).

sobre o qual ela trabalha, os meios de produção teórica dos quais ela dispõe (sua teoria, seu método e sua técnica, experimental ou outra) e as relações históricas (ao mesmo tempo teóricas, ideológicas e sociais) nas quais ela produz” (Althusser, 1996a: 41). E, ainda, para definir a combinação nas diferentes práticas (econômica, política, científica, teórico-filosófica) da “natureza diferente do objeto ao qual se aplicam, de seus meios de produção e das relações nas quais elas produzem” (id: 64). Em “O objeto de *O Capital*”, no parágrafo dedicado à crítica de Marx à economia política, a propósito das relações de produção e da sua irredutibilidade ao modelo de intersubjetividade, *Verbindung* é o termo chave para pensar a combinação dos elementos em um determinado modo de produção:

É combinando [...] estes diferentes elementos, força de trabalho, trabalhadores imediatos, Senhores que não são trabalhadores imediatos, objeto de produção, instrumentos de produção etc., que chegamos a definir os diferentes modos de produção que existiram e que podem existir na história humana (id: 387-8).

Esta *Verbindung* de elementos determinados preexistentes “constituiria propriamente e puramente uma *combinatória*”<sup>4</sup>. *Verbindung* como combinatória, portanto. Mas isso na edição I de LC, de 1965. Na segunda edição, de 1968, Althusser corrige o tiro: afirma que esta operação “poderia levar a pensar em uma *combinatória*”, mas que a natureza específica das relações postas em jogo por estes diferentes elementos definem e limitam estritamente o campo:

Para se obter os diferentes modos de produção, é preciso combinar esses diferentes elementos, mas se servindo de modos de combinação, de “*Verbindungen*” específicas, que só têm sentido na natureza própria do resultado da combinatória (1996a: 387-8).

Retornaremos a este ponto. Por ora, basta destacar a afirmação althusseriana de que o conceito de *Verbindung* constitui o fundamento da recusa do historicismo: “uma vez que o conceito marxista de História apoia-se no princípio da variação das formas desta ‘combinação’” (id.: ib.).

Passamos ao segundo termo, *Gliederung*, que Althusser traduz como “hiérarchie-articulée”, “structure” (“hierarquia-articulada”, “estrutura” – NT). O lugar a partir do qual é tratado é a *Introdução de 1857*. Althusser cita duas passagens de Marx:

Não se trata do nexo que se estabelece entre as relações econômicas na sucessão das diferentes formas de sociedade. Ainda menos da ordem de sucessão destas

---

<sup>4</sup> “Variantes de la première édition” (“Variantes da primeira edição”), Althusser (1996a: 645).

‘na ideia’ (Proudhon). Trata-se de *sua hierarquia-articulada (Gliederung) na sociedade burguesa*<sup>5</sup>.

[...] antes de ser distribuição dos produtos, ela é: 1) distribuição dos instrumentos de produção e 2) o que é outra determinação da mesma relação, distribuição dos membros da sociedade entre os diferentes gêneros de produção (subordinação dos indivíduos a relações de produção determinadas). A distribuição dos produtos é claramente apenas o resultado desta distribuição, a qual está incluída no próprio processo de produção e determina a *estrutura da produção (Gliederung)*<sup>6</sup>.

Também aqui o uso que Althusser faz é mais amplo. Em “De *O Capital* à filosofia de Marx”, a propósito da relação entre ordem lógica e ordem histórica n’*O Capital*, entre as quais não faz sentido procurar qualquer forma de correspondência, podemos ler: o que se deve produzir é a *Gliederung*, a “totalidade-articulada-de-pensamento” que permite pensar a “*Gliederung real*”, aquela “totalidade-articulada real, que constitui a existência da sociedade burguesa” (Althusser, 1996a: 50). E acrescenta:

A ordem em que estes conceitos são articulados na análise é a ordem da demonstração científica de Marx: não há qualquer relação direta, biunívoca, com a ordem em que esta ou aquela categoria apareceu na História (id., *ibid*).

Althusser retorna mais adiante, explicitando a recusa de qualquer mito de origem. Gênese e resultado devem ser desmembrados, não podem ser pensados juntos:

Marx [...] no diz, com suas próprias palavras, que é o conhecimento da “*Gliederung*” (da combinação articulada, hierarquizada, sistemática) da sociedade *atual* que é preciso elucidar para que se possa aceder à inteligibilidade das formas anteriores [...] (id.: *ib*).

Nas formas de ordem do discurso científico há uma diacronia, “*uma ordem regulada de aparição e desaparecimento*” (id.: 77), mas esta não corresponde a um devir histórico. É “*a diacronia*” de “*uma sincronia fundamental*” (id.: *ib*), “não sendo as formas de ordem do discurso da demonstração nada mais do que o desenvolvimento da ‘*Gliederung*’, da combinação hierarquizada dos conceitos no próprio *sistema*” (id.: *ib*).

---

<sup>5</sup> Citado em Althusser (1996a: 282).

<sup>6</sup> Citado em Althusser (1996a: 385-85).

Em “O objeto de *O Capital*”, Althusser retorna a este problema, especialmente na parte intitulada “Esboço do conceito de tempo histórico”. Ao precisar a diferença entre o todo hegeliano e o marxista, Althusser afirma que, com o Marx de *Miséria da filosofia*, “sozinha, a fórmula lógica do movimento, da sucessão, do tempo” não pode explicar “o corpo da sociedade, no qual todas as relações econômicas coexistem simultaneamente e se apoiam umas sobre as outras<sup>7</sup>. É a estrutura específica da totalidade que permite pensar a coexistência de seus membros e de suas relações constitutivas: uma *Gliederung*, a “estrutura de um todo orgânico hierarquizado” (Althusser, 1996a: 282).

Passemos ao terceiro termo, *Darstellung*. Althusser o recolhe d’*O Capital* e o mobiliza, em primeira instância, na parte 8 do ensaio intitulado “De *O Capital* à Filosofia de Marx”. É quando introduz a ideia de leitura sintomal, que é, sim, aquela por meio da qual Marx “conseguiu ler o ilegível de Smith”, mas é também a leitura que possibilita ao próprio Althusser identificar em Marx a resposta a um problema que não foi posto, “esta resposta que Marx só consegue formular sob a condição de multiplicar as imagens próprias a rerepresentá-la, a resposta da ‘*Darstellung*’ e de seus avatares” (id.: 24). O que Marx não chega a formular é “o conceito da eficácia de uma estrutura sobre seus elementos”. Ora, a ausência desta palavra-conceito é “a pedra angular invisível-visível, ausente-presente de toda a sua obra” (id.: 25):

[...] se Marx “joga” tão bem, em certas passagens, com fórmulas hegelianas, este jogo não é somente elegância ou escárnio, mas, no sentido forte, o *jogo de um drama real*, onde velhos conceitos desempenham desesperadamente o papel de um ausente, *que não tem* nome, para convocá-lo em pessoa à cena, – enquanto só produzem a presença dele pelas suas próprias falhas, na defasagem entre os personagens e os papéis (id: ib).

Este termo retorna ao centro da cena na última parte de “O objeto de *O Capital*”, “A imensa revolução teórica de Marx”. Trata-se, segundo Althusser, do conceito epistemológico chave de toda a teoria marxista do valor, “que tem por objeto precisamente designar este modo de presença da estrutura nos seus efeitos, portanto a própria causalidade estrutural” (id.: 404). Na primeira edição de 1965 encontramos uma longa digressão, posteriormente eliminada, sobre o termo *Darstellung*:

*Representação teatral* é um dos significados de “*Darstellung*”, em alemão. Mas a figura da representação teatral adere imediatamente ao sentido carregado pela palavra,

---

<sup>7</sup> K. Marx, *Miséria da filosofia*, citado em Althusser (1996a : 281-282).

que significa “apresentação”, “exposição” e, em sua raiz mais profunda, « posição de presença”, presença aberta e visível. Para exprimir sua nuance específica, pode ser instrutivo opor “*Darstellung*” a “*Vorstellung*”. Em *Vorstellung*, temos, de fato, uma posição, mas que se apresenta em frente, o que supõe, portanto, alguma coisa que está por trás desta preposição, alguma coisa que é representada por aquilo que está em frente, por seu emissário: a *Vorstellung*. Em *Darstellung*, ao contrário, *nada existe atrás*: sabemos que a própria coisa está aí, “da” [“lá” em alemão – nota da tradutora], exposta, em sua posição de presença. O texto inteiro de uma peça teatral está, assim, lá, oferecido na presença da representação (a *Darstellung*), mas a presença da peça inteira não se esgota na imediaticidade dos gestos ou dos propósitos de tal personagem : nós “sabemos” que a presença de um todo acabado habita cada momento e cada personagem, e todas as relações entre os personagens na presença pessoal deles, - entretanto, não pode ser apreendida, como a presença mesma do todo (...) *a não ser no todo*, e somente pressentida em cada elemento e papel. Eis porque, *segundo o nível em que nos colocamos*, podemos dizer que a “*Darstellung*” é a *presença da estrutura nos seus efeitos*, da modificação dos efeitos pela eficácia da estrutura presente em seus efeitos – ou, ao contrário, que a “*Darstellung*” é o conceito da *eficácia de uma ausência* [...] Creio que entendido como o conceito da *eficácia de uma causa ausente*, este conceito convém admiravelmente para designar a ausência em pessoa da estrutura nos efeitos considerados na perspectiva rasteira de sua existência. Mas é preciso insistir sobre o outro aspecto do fenômeno, que é o da *presença*, da imanência da causa nos seus efeitos, em outros termos, da *existência da estrutura* nos seus efeitos<sup>8</sup>.

Enfim, na conclusão, junta o termo *Darstellung*, “altamente sintomático” (Althusser, 1996a: 411), a “maquinaria”: seria a existência desta *machinerie* nos seus efeitos.

### O esquema da causalidade

A referência aos termos marxianos parecem carregar consigo alguma ambiguidade, como é destacado pelo próprio Althusser: entender a *Verbindung* e a *Gliederung* no sentido de uma combinatória de elementos, enfatizar na *Darstellung* o aspecto da eficácia de uma ausência, como fez Rancière. E outras poderiam ser sublinhadas, como o forte vínculo com Hegel que termos como *Gliederung* e *Darstellung* parecem indicar. Para fazer emergir com clareza a novidade do conceito althusseriano, é necessário então lançar luz sobre seu tecido filosófico profundo.

Para esquematizar, direi que esta novidade está no ponto de intersecção de três teses:

---

<sup>8</sup> “Variantes de la première édition”, em Althusser (1996a : 646).



- 1) a tese do caráter constitutivo das relações;
- 2) a tese da contingência das relações;
- 3) enfim, a tese da temporalidade plural.

Pegemos, em primeiro lugar, a *primeira tese*, a do caráter constitutivo das relações. Althusser insiste repetidamente sobre o fato de que a estrutura não existe sem elementos, mas que os elementos e o espaço nos quais se dispõem não podem existir sem a estrutura. Certamente, a tradução de *Verbindung* como ‘combinação’ e uma leitura desta em termos de ‘combinatória’ poderia sugerir elementos invariantes entre os quais se estabelecem relações diferentes. A correção que Althusser introduz na II edição de *Lire le Capital* parece mesmo destinada a esconjurар este risco. Na realidade, é necessário pensar em *Verbindungen* específicas que façam sentido apenas a partir do resultado da combinatória.

Mas quais elementos entram em relação? Althusser afirma que “toda produção é, segundo Marx, caracterizada por dois elementos indissociáveis: o *processo de trabalho* [...] e as *relações sociais de produção*, sob a determinação das quais este processo de trabalho é executado” (Althusser, 1996a: 379).

O primeiro elemento é, por sua vez, decomponível em três elementos mais simples (força de trabalho, objeto de trabalho, meios técnicos), cuja análise revela dois traços decisivos: por um lado, a natureza material das condições do processo de trabalho; por outro, o papel dominante dos meios de produção no processo. O primeiro traço destaca, contra o idealismo do trabalho, as condições materiais do processo, que Marx, acerca do modo de produção capitalista, pensa por meio das distinções: por um lado, entre capital variável e capital constante e, por outro, entre Setor I e Setor II da produção. O segundo traço afirma a dominância, no processo, dos meios de trabalho, o que permite fixar “o modo diferencial de unidade existente entre ‘o homem e a natureza’, e os graus de variação desta unidade” (id.: 384).

Este primeiro elemento só pode ser pensado juntamente com o segundo: as relações de produção, isto é, as condições sociais do processo de produção. Estas consistem em uma *Verbindung* específica, “em uma certa relação regulada estabelecida entre, por um lado, os meios de produção e, por outro, os agentes da produção” (id.: 386). Essa relação dá lugar a uma determinada estrutura de produção, uma *Gliederung*. O modo de produção é, portanto, um sistema homem-natureza, no qual, todavia, os dois termos existem sempre e apenas dentro de uma estrutura relacional constituída, na sua especificidade, de duas relações determinantes e do primado da segunda sobre a primeira: trabalho-objeto, estabelecida por meios de produção, e agentes-meios de produção, estabelecida por relações de produção. No entanto, a combinação específica dos elementos não define apenas o econômico:

[...] a definição do conceito de relações de produção de um modo de produção determinado – acrescenta Althusser – passa necessariamente pela definição do conceito da totalidade dos níveis distintos da sociedade e dos tipos de articulação destes (id.: 390).

Portanto, não apenas os elementos não antecedem à relação que os combina, mas, em sentido estrito, possuem uma existência como tais apenas dentro da relação complexa do todo social: o trabalho não se dá como força criativa fora da específica relação com o meio técnico, em determinadas condições materiais e no interior de específicas relações sociais, nem tampouco o econômico é um elemento universal, que seria possível identificar inalterado nos diferentes modos de produção (id.: 391).

As relações são, portanto, constitutivas na medida em que os elementos não são mais que *Träger* [portadores – NT] de lugares e funções estabelecidos pelas “relações de produção (e [pelas - VM] relações sociais políticas políticas e ideológicas)” (id.: 393).

Passemos agora à *segunda tese*, a da contingência das relações. Encontramo-la enunciada em “De *O Capital* à filosofia de Marx”, a propósito da história do conhecimento. Aqui, Althusser destaca como a história das ciências é “profundamente impregnada pela ideologia da filosofia das Luzes, isto é, de um racionalismo teleológico, portanto idealista” (Id., 45). A história da razão não é o desenvolvimento contínuo e linear de uma origem na qual aquela estaria presente *en germe*. Isto é somente “o efeito da ilusão retrospectiva de um resultado histórico dado que escreve sua história no ‘futuro anterior’” (Id., ib.). A história real do desenvolvimento do conhecimento é na realidade pontuada de “descontinuidades radicais” e “redefinições profundas”:

Assim – conclui Althusser – somos obrigados [...] a conceber a relação histórica de um resultado com suas condições como uma relação de produção, e não de expressão, portanto o que poderíamos chamar, com palavras que se chocam com o sistema das categorias clássicas e exigem a substituição destas próprias categorias: a necessidade de sua contingência (id.: 46).

A questão decisiva é a da relação do resultado com suas condições. Também Hegel, na *Ciência da Lógica*, fala de “necessidade de contingência”, mas para indicar a estrutura transcendental do devir sujeito da substância: o resultado é o resultado do seu próprio devir. Althusser retorna à essa questão novamente ao afirmar que ela é “constitutiva da teoria de Marx, *no próprio campo da teoria da história*” (id.: 73) : Marx, ao considerar a sociedade existente como um resultado histórico, “parece naturalmente nos engajar [...] em uma concepção hegeliana

onde o resultado é concebido como resultado inseparável de sua gênese, [...] como “o resultado de seu devir” (id.: 73). Na realidade, segue um caminho totalmente outro: o objeto de estudo de Marx é, sim, a sociedade burguesa como resultado histórico, e mesmo assim, a inteligibilidade deste passa pela “teoria do ‘corpo’, isto é, da *estrutura atual da sociedade*, sem que sua gênese nela intervenha de forma alguma” (id.: ib.). Gênese e estrutura não devem ser confundidas: a teoria da sociedade burguesa como resultado histórico explica a gênese, mas não a estrutura, que é, ao contrário, objeto de uma teoria “do mecanismo que produz o ‘efeito de sociedade’ próprio ao modo de produção capitalista” (id.: 74). E, retornando à questão da história do conhecimento, Althusser afirma: “mesmo se formos acusados de crime de lesa-hegelianismo ou de lesa-geneticismo, nós consideramos o resultado sem seu devir.” (Id.:76). Em outras palavras, a estrutura relacional de um conhecimento ou de uma sociedade não está contida na história de seu desenvolvimento linear e gradual.

A questão retorna, naturalmente, na parte de “O objeto de *O Capital*” dedicada ao historicismo. Nela, Althusser constrói, a partir de alguns passos de Marx na *Introdução de 1857* e em *O Capital*, uma “forma limite” do historicismo marxista, que consiste precisamente no pensar uma perfeita reciprocidade de gênese e estrutura, devir e resultado, lógico e histórico:

Basta [...] pensar o desenvolvimento da história que culmina e se realiza no presente de uma ciência idêntica à consciência, e refletir este resultado em uma retrospectiva fundamentada, para conceber, toda a história econômica (ou outra) como o desenvolvimento, no sentido hegeliano, de uma forma simples e primitiva, originária [...] e para ler *O Capital* como uma *dedução lógico-histórica* de todas as categorias econômicas a partir de uma categoria originária [...]. Sob esta condição, o método de exposição d’*O Capital* se confunde com a gênese especulativa do conceito. Mais ainda, esta gênese especulativa do conceito é idêntica à gênese do próprio concreto real, isto é, ao processo da história empírica (Id.: 319).

Todavia, não fica claro de que modo deve ser reformulada a categoria de gênese. E aqui vem a calhar um pequeno texto de setembro de 1966, intitulada “Sobre a gênese”. A primeira indicação é que “a categoria ideológica (religiosa) da gênese” deverá ser substituída por uma “teoria do encontro’ ou teoria da conjunção” (Althusser, 2013). E o exemplo dado por Althusser refere-se justamente à “lógica da constituição do modo de produção capitalista em *O Capital*”:

os elementos definidos por Marx se “combinam”, eu prefiro dizer (para traduzir o termo *Verbindung*) se ‘conjugam’, ao ‘se ligarem’ em uma estrutura nova. Esta estrutura não pode ser pensada, em seu surgimento, como o efeito de uma filiação, mas como o efeito de uma conjunção. Esta Lógica nova nada tem a ver com a causalidade linear da filiação nem com a causalidade ‘dialética’ hegeliana, que

apenas anuncia em voz alta o que contém implicitamente a lógica da causalidade linear (id.: ib.).

Estes elementos que se ligam uns aos outros em uma estrutura são um efeito, mas não são “os produtos contemporâneos de uma única e mesma situação”, não são gerados do modo de produção feudal para que sejam levados rumo à nova estrutura:

Cada um desses elementos tem sua própria ‘história’, ou sua própria genealogia [...]: as três genealogias são relativamente independentes. Vê-se Marx mostrar que um mesmo elemento (as forças de trabalho ‘livres’) pode ser produzido como resultado por genealogias totalmente distintas. Portanto, as genealogias dos três elementos são independentes (em sua coexistência, na coexistência de seus respectivos resultados) da estrutura existente (o modo de produção feudal) (id.: ib.).

Portanto, a teoria da gênese deve ser substituída por uma teoria do encontro. O termo *Verbindung*, que, em *Lire Le Capital*, tinha grande importância, passa a ser traduzido como “combinação”, como “conjunção” e os elementos que entram nesta conjunção são, por sua vez, os efeitos de histórias múltiplas e relativamente independentes.

Esta segunda tese, que chamamos de contingência das relações, se torna inteligível por meio da tese da temporalidade plural, que constitui o fundamento da teoria do encontro. Nesse sentido, o segredo do conceito de causalidade estrutural se encontra na parte de “O Objeto de *O Capital*”, intitulada “Esboço do conceito de tempo histórico”, onde se refuta o modelo hegeliano, fundado no duplo eixo da “continuidade homogênea” e da “contemporaneidade”. A complexidade social comporta “níveis ou instâncias distintos e ‘relativamente autônomos’, que coexistem nesta unidade estrutural complexa (...): todavia, esta ‘coexistência’ não pode ser achatada sobre uma ‘contemporaneidade’” (Althusser, 1996a: 280-1). Reencontramos no centro desta definição o termo *Gliederung*. A hierarquia que este introduz no todo não é a de um centro expressivo, mas de uma articulação dos níveis, cada um dos quais tem seu próprio tempo, cuja especificidade, ou seja, autonomia relativa, funda-se em uma precisa dependência do todo:

Nós devemos e podemos dizer: há, para cada modo de produção, um tempo e uma história próprios, escandidos de um modo específico, do desenvolvimento das forças produtivas; um tempo e uma história próprios das relações de produção, escandidos de um modo específico; uma história própria da superestrutura política... ; um tempo e uma história próprios da filosofia...; um tempo e uma produção próprios das produções estéticas...; um tempo de uma história próprios das formações científicas (id.: 284).

Não uma pluralidade de tempos independentes, mas tempos que coexistem sem ser contemporâneos, para se pensar o quanto é necessário um esquema diferente em comparação ao tradicional de causalidade (sucessão) ou de ação recíproca (simultaneidade). Althusser nos indica *en passant* o termo adequado: *entrelaçamento*. Diz que Marx, ao se reportar ao modo de produção capitalista, embora centrando a análise, naquele momento, apenas no nível econômico, refere-se ao tipo de temporalidade como “*entrelaçamento de diferentes tempos*, [...], isto é, o tipo de ‘defasagem’ e de torção das diferentes temporalidades produzidas pelos diferentes níveis da estrutura, cuja combinação complexa constitui o tempo peculiar do desenvolvimento do processo”(id.: 290). Em outra passagem crucial, Althusser fala de ‘interferência’:

[...] só é possível atribuir um conteúdo ao conceito de tempo histórico definindo [-o- VM] como a forma específica da existência da totalidade social considerada, [...] onde diferentes níveis estruturais de temporalidade interferem, em função das relações próprias de correspondência, não correspondência, articulação, defasagem e torção que mantêm entre si, em função da estrutura do todo, nos diferentes ‘níveis’ do todo (id.: 296).

Os termos *entrelacement* [entrelaçamento – NT] e *interférence* [interferência – NT] nos indicam precisamente que não estamos na presença de fluxos de temporalidade independentes e, em última instância, ininteligíveis: a temporalidade plural deve ser pensada como uma “temporalidade diferencial” (id.: 291), ou seja, deve ser pensada junto à tese do caráter constitutivo das relações. Por outro lado, esta temporalidade é fundamental para se pensar a tese da contingência das relações porque, sem uma pluralidade de ritmos diferentes, o encontro recairia na categoria de gênese: a necessidade da contingência não é violação de uma dada linha de tempo, mas é a necessidade de um encontro, encontro que supõe mais tempos, mais ritmos. Por isso Althusser recusa tanto a concessão continuísta quanto a descontinuísta do tempo histórico: são simplificações da temporalidade complexa do todo social.

Portanto, se estas três teses forem pensadas juntas, haverá uma consequência teórica de grande importância: a presença da estrutura nos seus efeitos não se manifesta como uma presença temporal, mas como uma articulação, um entrelaçamento de temporalidades. Se existe um tempo da estrutura, este é a não contemporaneidade, a sua impossível contemporaneidade. Althusser reitera insistentemente que há uma determinação em última instância do econômico, mas a temporalidade do econômico não assume o papel de relógio do ser. Por um lado, porque, também a este nível, não temos uma temporalidade simples e visível, mas uma temporalidade complexa, que deve ser construída conceitualmente; e, por outro, porque não é possível, em qualquer sociedade, determinar o nível do

econômico sem passar pela complexa articulação que o liga aos outros níveis. Na realidade, portanto, a estrutura, longe de ser uma gaiola parmenidiana que aprisiona o devir, é um todo articulado de temporalidades, uma conjunção de elementos cujo devir é o próprio produto da sua não contemporaneidade estrutural. Em particular, a tradução proposta por Althusser do termo *Verbindung* como ‘conjunção’ nos indica a reciprocidade de estrutura e conjuntura, reciprocidade que nocauteia, como justamente notou Balibar, as teorias clássicas da transição (Balibar, 1987: 198). Porque a estrutura é um enredo de temporalidade, uma conjunção (*Verbindung*) complexa de elementos que se estrutura em uma *Gliederung* de relações com uma determinada articulação, esta tem, na realidade, a natureza de uma conjuntura, como Althusser chega a dizer explicitamente:

é na unidade específica da estrutura complexa do todo que devemos pensar o conceito desses pretensos atrasos, avanços, sobrevivências, desigualdades de desenvolvimentos, que *co-existem* na estrutura do presente histórico real: o presente da *conjuntura*. [...] Falar de temporalidade histórica diferencial é, portanto, obrigar-se absolutamente a situar o *lugar* e a pensar, em sua articulação própria, a *função*, de tal elemento ou de tal nível na configuração atual do todo; é determinar a relação de articulação deste elemento em função dos outros elementos, desta estrutura em função das outras estruturas, é obrigar-se a definir o que foi chamado de *sobredeterminação* ou sua *subdeterminação*, em função da estrutura de determinação do todo, é obrigar-se a definir o que, em outra linguagem, poderíamos chamar de *índice de determinação*, *índice de eficácia* que cabe, atualmente, a este ou àquele elemento ou estrutura em questão na estrutura de conjunto do todo. Por *índice de eficácia* podemos entender o caráter de determinação mais ou menos dominante ou subordinado, portanto sempre mais ou menos ‘paradoxal’, deste elemento ou daquela estrutura no mecanismo atual do todo. E isso não é nada mais do que a teoria da conjuntura indispensável à teoria da história (1996a: 293).

Estrutura e conjuntura devem ser pensadas como termos recíprocos. A estrutura não é a forma invariante, profunda, de variações conjunturais superficiais pensadas em uma sucessão de instantes contingentes (quer seja contínua ou descontínua), mas é a complexa articulação de temporalidades diferenciais e relações nas quais consiste a própria conjuntura: neste sentido, o presente da conjuntura é um presente profundo, complexo, estratificado.

## **Bibliografia**

ALTHUSSER, Louis (1996a). *Lire le Capital*. Paris : PUF.

\_\_\_\_\_ (1996b). *Pour Marx*. Paris : La Découverte.

\_\_\_\_\_ (2013). Sur la genèse. *Décalages*, Vol. 1: Iss. 2. Disponível em:  
<<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss2/9>>.

BALIBAR, Étienne (1987). Causalità strutturale e antagonismo. In VVAA. *Il marxismo di Louis Althusser*. Verbania: Vallerini.